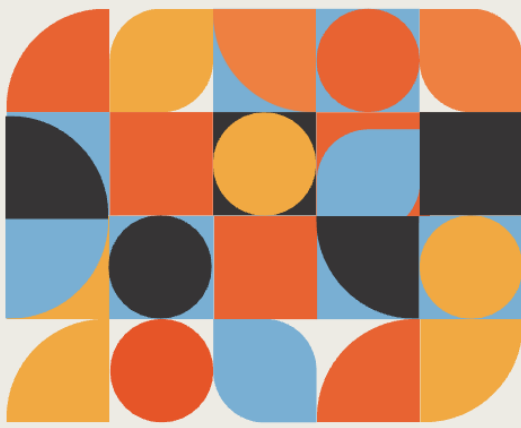




O EFEITO BATE-BOLETES: CORPO, GÊNERO E DOMESTICIDADE NO CARNAVAL CARIOCA

The bate-boletes effect: body, gender and domesticity in Rio de Janeiro carnival

Débora Pires Teixeira, Doutora, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, deborapires@ufrj.br¹

Resumo: O objetivo geral desse trabalho é compreender a participação de mulheres em grupos carnavalescos denominados de bate-boletes, analisando como as dinâmicas de gênero influenciam e transformam essa tradição carnavalesca, sobretudo no que tange a apropriação e o uso do traje em suas questões estéticas e simbólicas. O que se propõe nesse artigo, é uma análise de cunho teórico sobre um tema novo, atual e relevante para os estudos de gênero, da cultura popular jovem e de rua, para o campo do Patrimônio e, também, para os estudos dos trajes.

Palavras-chave: Bate-bolas; Bate-boletes; Patrimônio Cultural; Corporalidade.

Abstract: The overall objective of this work is to understand women's participation in carnival groups known as bate-boletes, analyzing how gender dynamics influence and transform this carnival tradition, particularly regarding the appropriation and use of costumes in their aesthetic and symbolic aspects. This article proposes a theoretical analysis of a new, current, and relevant topic for gender studies, youth and street popular culture, the field of heritage, and costume studies.

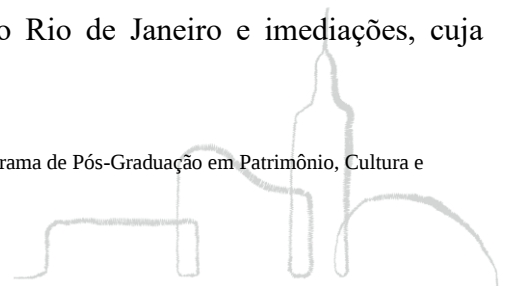
Keywords: Bate-bolas; Bate-boletes; Cultural Heritage; Corporeality.

Introdução

Não se pode precisar todas as manifestações que influenciaram diretamente os Bate-bolas, porém, como tantos outros ritos estrangeiros, acabou se tornando uma prática própria da cultura local com uma identidade particular. Os bate-bolas cariocas – oriundos da região de Santa Cruz na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro por volta da década de 1930/40 (Gamba Júnior; Silva, 2020).

Os bate-bolas são considerados umas das principais manifestações populares tradicionais da sociedade carioca, personagens de uma manifestação urbana típica da periferia do Rio de Janeiro e imediações, cuja

¹ Doutora em Economia Doméstica/UFV, Docente do Eixo de Indumentária do curso de Belas Artes e do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio, Cultura e Sociedade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

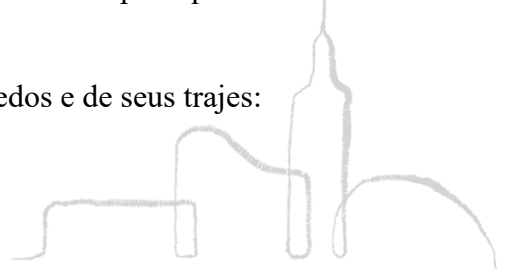
performance ocorre no período do carnaval, no entanto, a preparação para o evento se dá ao longo dos meses que antecedem a data do festejo dada a exigência de ineditismo da fantasia anual e a complexidade de produção, tanto da fantasia quanto da performance. Estima-se que existam mais de 400 turmas nos bairros suburbanos do Rio de Janeiro (Andrade; Formiga; Gamba Junior, 2018; Neves 2019). No ano de 2012, o Decreto n.º 35134 (16 de fevereiro de 2012) declarou como Patrimônio Cultural Carioca os Grupos de Foliões Carnavalescos denominados “Clovis” ou “Bate-bolas” (Rio Prefeitura, 2012, p.1).

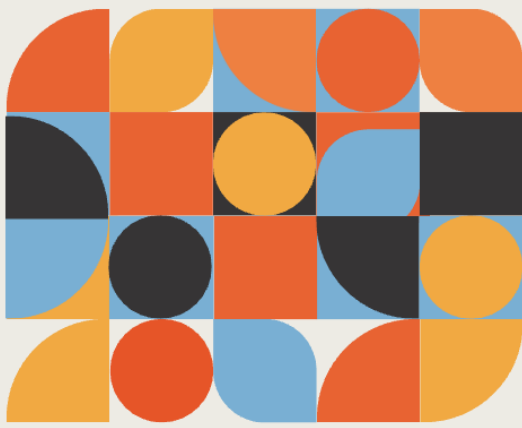
As manifestações dos grupos de bate-bolas cristalizam alguns aspectos da cultura tradicional, construindo bases relativamente sólidas de comportamento, enquanto modificam outros elementos, sejam eles relacionados com a composição do grupo, comportamento, apresentação no desfile, vestimentas, penteados, dentre outras (Barbosa, 2014). Por outro lado, em um cenário dominado por homens jovens, tem-se notado um movimento de inclusão de mulheres, seja no uso da fantasia tradicional, seja na composição de grupos denominados de bate-boletes.

Em sua origem na década de 1930 era notável a presença masculina, com raras turmas admitindo a presença de crianças e mulheres dada, sobretudo, em decorrência da face mais violenta dos grupos. Entretanto, a presença feminina (bate-bolete ou batebolete) vem se tornando frequente nesta intervenção, ainda que em quantidade muito menor do que a dos brincantes homens (Pereira, 2008). Diante desse contexto, busca-se compreender como o traje funciona como uma marca identitária de gênero nos grupos de bate-boletes na construção da estreita relação entre o vínculo com os grupos masculinos (bate-bolas) e a produção da diferenciação.

Estudar a recente inserção das mulheres nesse contexto, apropriação e transformação desses trajes também é falar de identidade, cultura e de gênero. Segundo Viana e Bassi (2014), traje de folguedo são indumentárias usadas nas festas, nos divertimentos, nas brincadeiras de caráter popular, incluindo os trajes folclóricos. A indumentária é encarada, portanto, como objeto de grande poder revelador, que permitirá um conhecimento mais profundo sobre as próprias manifestações populares e identidades sociais mais amplas que se formam em seu contexto.

Os autores também destacam a importância dos registros dos folguedos e de seus trajes:





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

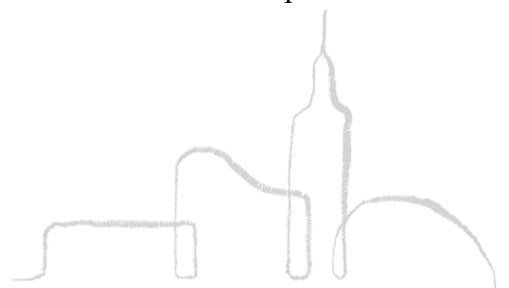
Acima de tudo, deve-se incentivar registros do que acontece hoje nas manifestações, porque a única certeza que se pode ter é de que elas vão mudar, vão se transformar, como acontece geralmente com as artes do povo. Nós não só queremos que isso aconteça, para que a festividade ou celebração continuem existindo, mas também para mantermos um olhar atento aos novos trajes que serão propostos nessas renovações do futuro (Viana; Bassi, 2014, p. 256).

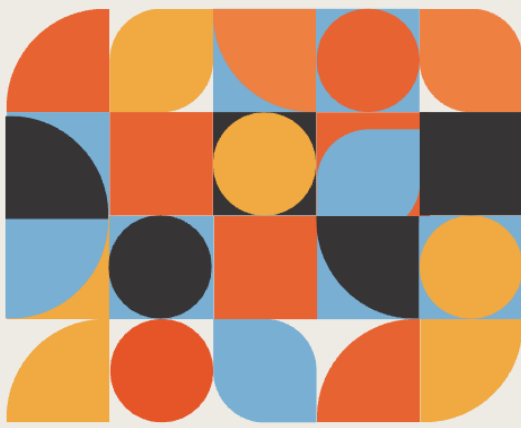
A motivação para a realização desse trabalho parte da possibilidade de trazer o traje como dispositivo ressignificador, na qual as vestimentas e adornos extrapolam o objetivo de “cobrir o corpo” e ganham o sentido de marcadores indenitários e festivos para a comunidade e contribuem para a preservação do patrimônio histórico-cultural local.

E, embora haja estudos a respeito dos bate-bolas e bate-boletes e seus respectivos trajes, eles se concentram nos grupos da cidade do Rio de Janeiro, sobretudo nos bairros da Zona Oeste. No entanto, como pode ser visto a participação feminina tem crescido nessa manifestação cultural popular, porém ainda é pouco abordada em estudos acadêmicos. Como afirma Pereira (2008), apesar das possíveis evidências de crescimento da manifestação das turmas de bate-bolas no carnaval do Rio de Janeiro contemporâneo, existem poucos estudos acadêmicos se voltaram a produzir um conhecimento mais aprofundado sobre a brincadeira, limitando-se, na maioria dos casos, a estabelecer descrições baseadas em maneiras generalizadas, deixando de abordar e de explicar as diferenças e variações da manifestação. Muitos desses também estão defasados em relação às novas formas de visualidade e de performance características das manifestações das turmas de bate-bolas da atualidade.

Na tese defendida por Priscila Andrade Silva, sob a orientação de Nilton Gamba Júnior, ao analisar a presença feminina tão recente, os autores se deparam com um campo inovador e praticamente inédito: “Logo de início, detectamos que o ritual incorporava novidades com frequência, o que valida a importância da pesquisa, que pretendeu atualizar a narrativa sobre o festejo que se configura como um amplo tema de pesquisa” (Andrade-Silva; Gamba Júnior, 2025, p.118).

Assim, o que se propõe nesse artigo, de cunho teórico e analítico, é um campo novo, atual e relevante para os estudos de gênero, da cultura popular jovem e de rua, para o campo do Patrimônio e também para os estudos dos trajes.





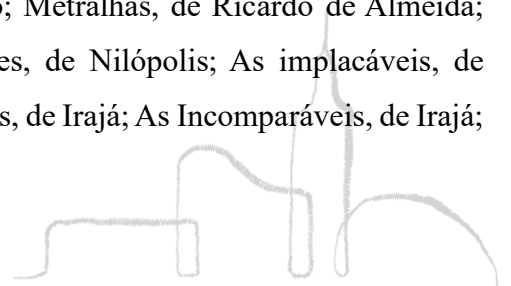
As bate-boletes

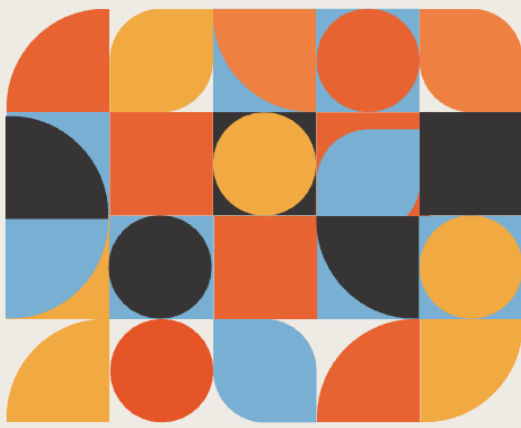
Segundo Andrade-Silva e Gamba Júnior (2025), as turmas de bate-boletes surgiram, provavelmente, a partir dos anos 2010. Uma das mais antigas são as Brilhete, criada em 2013, no Parque Anchieta, na Zona Norte da cidade Rio de Janeiro, derivada da turma masculina Brilho de Anchieta, cuja a líder é Vanessa Amorim.

No contexto atual, uma reportagem produzida pelo jornal O Globo, em 23 de fevereiro de 2025, (Rodrigues, 2025), destacou a participação feminina cada vez mais presente na cultura dos bate-bolas. Conforme Andrade-Silva e Gamba Junior (2025) existem algumas turmas que são independentes das alas masculinas, mas, a maioria das bate-boletes são derivações do grupo principal. A Fascinação tem as Fascinet's, Relíquia e Relikett's, Arrastão e Arratet's e Superação e Superet's. No entanto, as turmas independentes - criadas por mulheres e sem ligação com coletivos masculinos multiplicam.

Em outra reportagem do G1, (01/03/2025), foi ressaltada as ações de resistência femininas para ocupar espaços tradicionalmente masculinos. A cultura bate-bola muitas vezes foi vista como “coisa de homem” e uma brincadeira que pode se tornar violenta, mas as mulheres começaram a criar turmas femininas, e por vezes desfilam com seus maridos e filhos, como explica Renata Oliveira, integrante da turma Brilhete: “você só quer estar ali e aproveitar e passar para as pessoas que elas não precisam ter medo. Que nós somos mulheres, somos mães e que muitas das vezes a gente tá ali com os nossos filhos curtindo aquele momento” (Morganti, 2025).

Em 2022, um mapeamento da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro registrou 23 turmas femininas e duas LGBTQIA+, número esses que estão crescendo (Rodrigues, 2025). Um mapeamento informal realizado em vídeos da plataforma TikTok durante o mês de maio de 2025 revelou a presença das turmas femininas em outros municípios para além da cidade do Rio de Janeiro, incluindo municípios da Grande Rio, tais como: Fascinet's, de Oswaldo Cruz; Relikett's, de Duque de Caxias; Arratet's, de de Oswaldo Cruz; Superet's, de Ricardo de Almeida, Brilhete, de Anchieta; Sonequetes, de Sepetiba; As audacionsas, Deodoro (Rio de Janeiro); Maxam-Girls, de Nova Iguaçu; Mulheres Irônicas, de São Bento Ribeiro; Metralhas, de Ricardo de Almeida; Vandalet's, de Ricardo de Almeida; Renascetes, de Nilópolis; Sensasetes, de Nilópolis; As implacáveis, de Nilópolis; As artistas, de Magé; Meninas de Atitude, de Guapimirim; Saiset's, de Irajá; As Incomparáveis, de Irajá;





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Abusadas, Cidade de Deus; As damas na Rua DNV; Damas da Merk, de Jacarepaguá; As meninas da KND, de Realengo; Turma do Parque, Engenheiro Pedreira e As Feras, de Oswaldo Cruz.

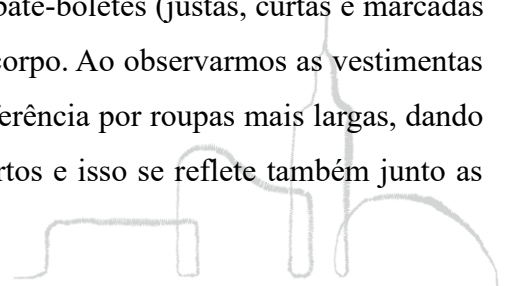
Para Andrade-Silva e Gamba Júnior (2025), além das questões de gerenciamento e participação, a principal diferença nos trajes das turmas de bate-boletes para os bate-bolas reside no fato da maioria delas não esconder seus rostos com máscaras. Além dessas alterações formais e estéticas, os papéis desempenhados por homens e mulheres, no festejo, se distinguem, ainda que comportem muitas similaridades. A identidade continua nas peças de vestir e acessórios das fantasias e kit, que é um conjunto composto por bermuda e camisa regata estampados com o tema da fantasia do ano e outros acessórios como copos, chapéus e bolsas, utilizados em outros momentos de sociabilidades que envolvem a cultura bate-boleira, como os “churrascos da turma”.

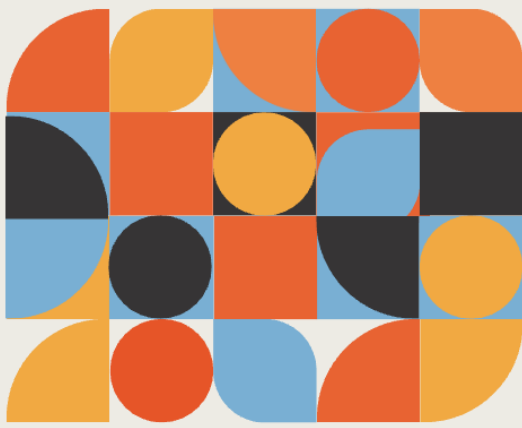
Enquanto as turmas de bate-bolas tradicionais, compostas majoritariamente por homens, usam macacões ou roupões pesados e volumosos, botas, perucas, capuzes, além da típica máscara telada. A fantasia, ainda hoje, majoritariamente usada por homens, é composta sempre por um macacão ou veste volumosa, uma máscara telada com peruca e capuz, meias e luvas. Esses itens podem variar bastante em modelagem, cores, desenhos, estampas e materiais. Mas, no geral, o corpo masculino está coberto e, quando usam máscaras, o rosto também. Por outro lado, as bate-boletes não usam máscara, e exibem o rosto cuidadosamente maquiado. Suas fantasias incluem maiôs, shortinhos ou leggings (Andrade-Silva; Gamba Junior; Moraes, 2024; Andrade-Silva; Gamba Júnior, 2025). Também é comum o uso de top e meia de lycra estampados e o uso de uma saia curta de tule.

Tal como ocorre entre os bate-bolas, nas turmas femininas também existe o tema anual que guia a produção da fantasia. Entre as bate-boletes que são derivadas das turmas masculinas, o tema é o mesmo e pode ser visto em elementos presentes nos acessórios e nos corpetes justos e meias estampadas com a temática.

Corpo, gênero e domesticidade entre as bate-boletes

Conforme Andrade-Silva e Gamba Júnior (2025), as fantasias das bate-boletes (justas, curtas e marcadas pela inexistência das máscaras) reforçam sensualidade e feminilidade do corpo. Ao observarmos as vestimentas masculinas e femininas dos funkeiros, percebe-se que os homens têm preferência por roupas mais largas, dando volume ao seu corpo, enquanto as mulheres usam trajes mais justos e curtos e isso se reflete também junto as





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

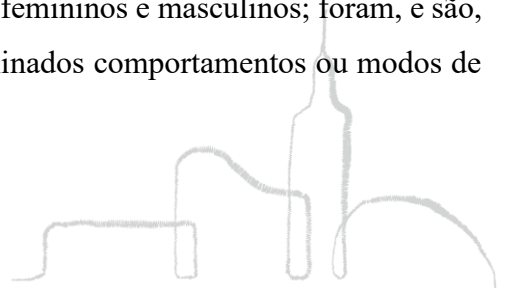
bate-boletes, evidenciando a estreita relação entre funk e bate-bolas. É preciso esclarecer que, diferente do universo das Escolas de Samba, que são guiadas pelo samba, as turmas de bate-bolas desfilam nas ruas e são musicadas pelo funk.

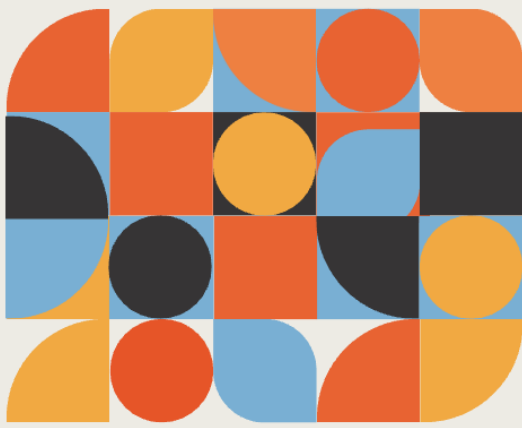
Dentro do grupo bate-boletes, como é o caso da Brilhetes de Anchieta, a identidade é uma construção constante, de produção coletiva, resultando na afirmação delas diante das outras e dos outros, isso inclui a parte masculina da turma e, muitas vezes, essa afirmação vem através das roupas (Veloso, 2022).

Para Crane (2006), por meio de suas roupas homens e mulheres percebem e expressam mensagens que integram papéis sociais e, historicamente, a demarcação de gênero por meio do vestuário foi concebida de maneira diferente para mulheres. É nesse sentido que as roupas participam das pedagogias culturais de gênero. Como afirma Louro (2000, p.17) “a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, ‘fixar’ uma identidade masculina ou feminina ‘normal’ e duradoura por meio das “pedagogias culturais”. Para a autora, o conceito de pedagogia cultural liga-se as aprendizagens e práticas que ensinam a ser mulher e homem. Insinua-se nas mais distintas situações, é aprendida de modo explícito, ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. É um processo muito sutil, minucioso, sempre inacabado. Sabat (2001) corrobora Louro (2008) ao afirmar que a pedagogia e o currículo cultural, entre outras coisas, produzem valores e saberes; regulam condutas e modos de ser; fabricam identidades e representações; constituem certas relações de poder.

Vivemos mergulhados em seus conselhos e ordens, somos controlados por seus mecanismos, sofremos suas censuras. As proposições e os contornos delineados por essas múltiplas instâncias (família, escola, instituições médicas, mídia etc.) nem sempre são coerentes ou igualmente autorizadas, mas estão, inegavelmente, espalhados por toda a parte e acabam por constituir-se como potentes pedagogias culturais (Louro, 2008). São significantes que vão constituindo um currículo cultural e, no caso deste estudo, ensinando representações hegemônicas de gênero. Tal como o currículo escolar, o currículo cultural envolve um conhecimento organizado em torno de relações de poder, de regulação e controle (Sabat, 2001).

Todas essas práticas e linguagens constituíam e constituem sujeitos femininos e masculinos; foram, e são, produtoras de “marcas”. Homens e mulheres adultos contam como determinados comportamentos ou modos de ser parecem ter sido “gravados” em suas histórias pessoais (Louro, 2000).





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

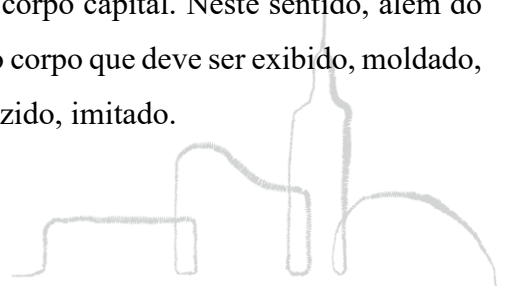
FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

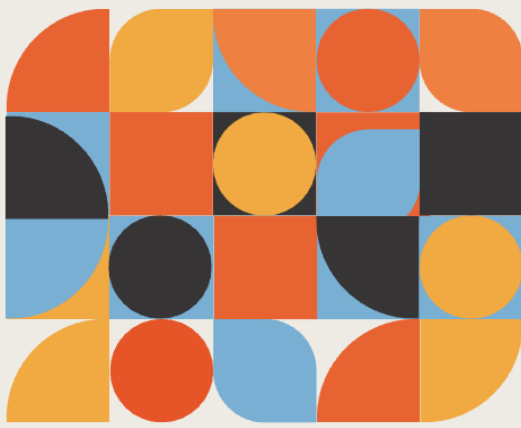
Na cultura de bate-bolas, seja em turmas mistas ou turmas femininas, entre as mulheres, é o cotidiano que se faz mais presente no carnaval, com os cuidados de si intensificados. No estudo de quatro personas envolvidas em turmas de bate-bola e bate-boletes, os autores Andrade-Silva e Gamba Júnior (2025) destacaram Amanda, uma mulher que teve experiência em uma turma de bate-boletes “(...) mas disse que não se divertiu tanto e não gostou do “papel de acompanhante” (p.128). Por esse motivo, junto com outras mulheres, Amanda passou a vestir a “fantasia masculina” em grupos mistos, ou seja, grupos masculinos de bate-bolas que também tem mulheres como participantes.

A performance da feminilidade também se faz presente dentro das turmas mistas, como ressaltou Amanda: “por usar a “fantasia masculina”, ela sente-se até mais motivada a seguir padrões de uma estética de embelezamento considerada feminina” (p.128). Ela investe em maquiagens, tênis, em penteados, cílios postiços, e acessórios em cores que combinem com as da fantasia. “(...) quando tira a máscara, ainda causa espanto por ser mulher. Tem orgulho de representar esse papel para as mulheres” (p.128).

Por outro lado, o incômodo com a vigilância de seus corpos se faz presente em falas de outras mulheres que optaram por participar de grupos mistos. Em uma reportagem divulgada pelo jornal Folha de São Paulo, Albuquerque e Barbon (2020) relataram o incômodo de parte das mulheres que frequentam o movimento e refutam o traje tradicionalmente associado às bate-boletes (saia curta, corpete/bodies justo e meias), que marca o corpo e expõe o rosto, e optam por participar com o traje tradicional (ou fantasia masculina). Como expressou uma das integrantes de um grupo de bate-bolas: “*Não me sentia confortável com as roupas das meninas por causa do meu corpo. No bate-bola você tem mais liberdade. Não precisa ficar fazendo posezinha, murchando barriga, fazendo aquelas carinhas. É mais libertador*”. No anonimato das máscaras e com roupas largas, as mulheres se livram de regras e comportamentos impostos aos corpos femininos e se divertem durante o desfile.

Como afirma Goldenberg (2020), no Brasil, e mais particularmente no Rio de Janeiro, o corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis (rugos, estrias, celulites, manchas) e sem excessos (gordura, flacidez) é o único que, mesmo sem roupas, está decentemente vestido, pois é tido como um corpo capital. Neste sentido, além do corpo ser muito mais importante do que a roupa, ele é a verdadeira roupa: é o corpo que deve ser exibido, moldado, manipulado, trabalhado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

Considerações finais

O movimento das bate-boletes é, ao mesmo tempo, inclusivo e permite que mulheres ocupem espaços antes dominados exclusivamente por homens, mas reforçador de estereótipos de gênero que evidenciam o corpo feminino em evidência, demandando uma série de cuidados específicos para estar apto a desfilar.

Diferente da fantasia tradicional dos grupos de bate-bolas, nos quais se usa uma fantasia larga, que impede o reconhecimento do corpo, e muitas vezes do rosto pelo uso de máscara telada, nos grupos femininos conhecidos como bate-boletes, o traje reforça a construção da sensualidade, marcada pela exposição corporal e a preocupação com aparência, o que inclui o uso de maquiagens, cuidados com o cabelo, com os acessórios e os calçados.

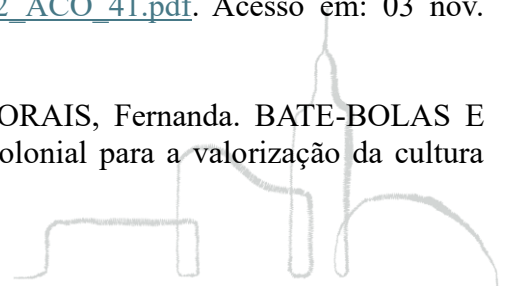
As mulheres também vêm ocupando espaços para além dos grupos de bate-boletes, com a presença nas turmas de bate-bolas tidas como mistas. Nessa ocupação, conforme as entrevistas concedidas a outros pesquisadores, em reportagens e vídeos sobre o tema, percebeu-se que a inclusão é libertadora, pois as mulheres conseguem participar da folia com a única preocupação de ser brincante. Concomitantemente, notou-se a presença da performance de feminilidade tradicional, com vigilância da aparência, mediada pela preocupação de surpreender o espectador quando o rosto por detrás da máscara fosse revelado.

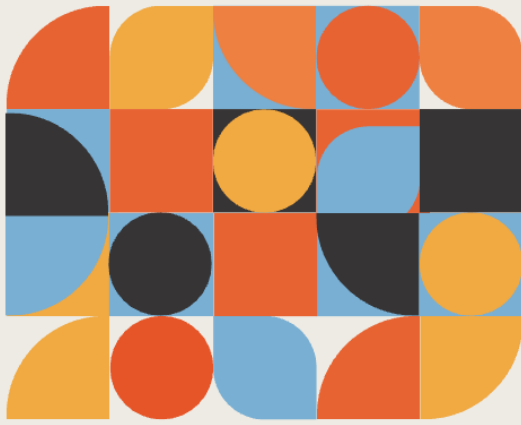
Referências

ALBUQUERQUE, Ana Luiza; BARBON, Júlia. No Rio, mulheres fogem de fantasias micro e abraçam tradição dos bate-bolas. **Folha de São Paulo**, 25 fev. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/02/no-rio-mulheres-fogem-de-fantasias-micro-e-abracam-tradicao-dos-bate-bolas.shtml>. Acesso em: 3 abr. 2025.

ANDRADE, Priscila; FORMIGA, Simone; GAMBA JUNIOR, Nilton. Mascaradas e "Des(Mas)Caradas": um estudo acerca das representações de gênero em manifestações carnavalescas em Portugal e no Brasil. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 13, 2018. **Anais (...)**, Univille, Joinville (SC). Disponível em: https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/ped2018/4.2_ACO_41.pdf. Acesso em: 03 nov. 2023

ANDRADE-SILVA, Priscila.; GAMBA JUNIOR, Nilton Gonçalves; MORAIS, Fernanda. BATE-BOLAS E BATE-BOLETES, CULTURA EM MOVIMENTO: ações de design decolonial para a valorização da cultura





popular. In: Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 15, 2024. UFMA, Manaus (AM). Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/cadernoppgd/article/view/16766>. Acesso em: 07 jul. 2025.

ANDRADE-SILVA, Priscila.; GAMBA JUNIOR, Nilton Gonçalves. Entre Carnaval e cotidiano: uma estética de apresentação pessoal das personas Bate-bolas e Bate-boletes. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 18, n. 43, p. 114–136, 2025. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1883>. Acesso em: 4 maio. 2025.

BARBOSA, Nathalia Silva. Ilusão: do ritual ao espetáculo. As dinâmicas em torno de um grupo de Batebola. **Dissertação** (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2014. Disponível em: <http://ppgantropologia.sites.uff.br/wp-content/uploads/sites/16/2016/07/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Mestrado-Nathalia-Silva-Barbosa-PDF.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2023.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2006.

FELICIANO, Vinícius. Mulheres ganham espaço no carnaval dos bate-bolas. **Rampas Jornalismo em Movimento**, UERJ, 25 abr. 2025, Disponível em: <https://www.rampasuerj.com.br/post/mulheres-ganham-espa%C3%A7o-no-carnaval-dos-bate-bolas#:~:text=Nascido%20no%20bairro%20da%20Cobrex,ano%20pelo%20segundo%20Carnaval%20consecutivo>. Acesso em: 04 mi. 2025.

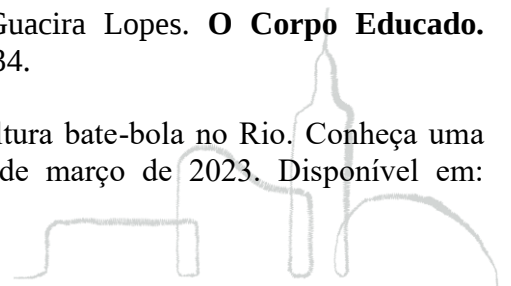
GAMBA JÚNIOR; Nilton Gonçalves; SILVA, Priscila Andrade. Batebolas: rastros materiais de rupturas históricas nas fantasias dos mascarados cariocas. **Estudos em Design**, Rio de Janeiro: v. 28, n. 1, p. 92-104, 2020. Disponível em: <https://estudosemdesign.emnuvens.com.br/design/article/view/888>. Acesso em: 30 out. 2023.

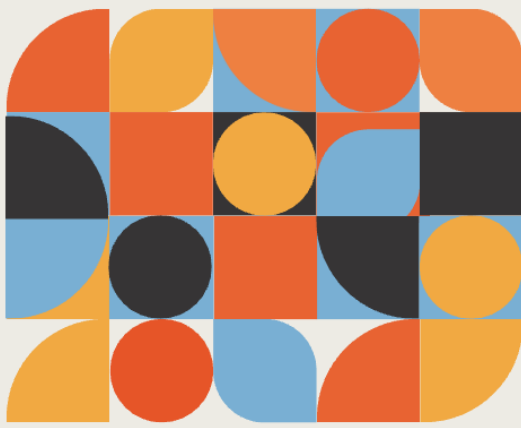
GOLDEMBERG, Miriam. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**, v.17, n. 2, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/pmBWb93wL9phMvdXSKgHf5q>. Acesso em: 04 mi. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**. v.19, n.2. May/Aug. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/fZwcZDzPFNctPLxjzSgYvVC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2025.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade**, 2 ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2000, p.7-34.

MORGANTI, Maria Carolina. Mulheres lutam contra preconceito na cultura bate-bola no Rio. Conheça uma turma de Anchieta que desfila há mais de 10 anos. **Portal G1**, 01 de março de 2023. Disponível em:





20º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2025/noticia/2025/03/01/mulheres-lutam-contrapreconceito-na-cultura-bate-bola-no-rio.ghtml>. Acesso em: 04 mi. 2025.

NEVES, Ramon Vellasco. Identidade bate-bola. Os 30 anos da Turma Velhas do Muquiço. **Monografia** (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019, 60 f. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11422/19150>. Acesso em: 30 out. 2023.

PEREIRA, Aline V. V. Gualda. Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de Batebolas do Rio de Janeiro. **Dissertação** (Mestrado em Artes) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/7527/1/Aline%20Valadao%20Vieira%20Gualda%20Pereira.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

PEREIRA, Aline V. V. Gualda; FERREIRA, Luiz Felipe. Turmas de Batebolas do carnaval contemporâneo do Rio de Janeiro: diversidade e dinâmica. **Visualidades**, v. 7, n. 2, p.44-67, 2009. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18189>. Acesso em: 30 out. 2023.

RIO PREFEITURA. Decreto n.º 35134 de 16 de fevereiro de 2012. Declara Patrimônio Cultural Carioca os Grupos de Foliões Carnavalescos denominados “Clovis” ou “Batebolas”. **Prefeitura do Rio de Janeiro**. 2012. Disponível em: <https://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4368015/4108329/17DECRETO35134GruposdeFolhoesCarnavalescosdenominadosClovisouBatebolas.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

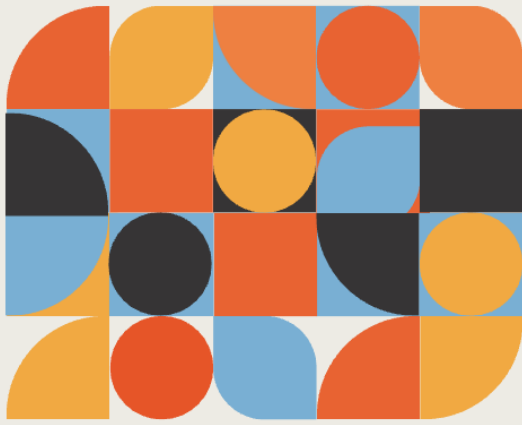
RODRIGUES, Thayná. Cultura dos bate-bolas no Rio registra crescimento entre mulheres; tradição movimenta mais de 16 mil foliões no Rio. **O Globo**, 23 fev. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2025/02/23/cultura-dos-bate-bolas-no-rio-registra-crescimento-entre-mulheres-tradicao-movimenta-mais-de-16-mil-folhoes-no-rio.ghtml>. Acesso em: 04 mi. 2025.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. Revista Estudos Feministas. **Revista Estudos Feministas**. v.9 n.1, p.10-21, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/hqknn4NtLrGpyGQMB8p7ByB/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA – SECEC. Edital de chamada emergencial de credenciamento nº 03/2022 “Turma De BateBolas RJ”, 2022. Disponível em: http://cultura.rj.gov.br/wp-content/uploads/2022/11/03.2022-Minuta-Edital-Turmas-de-BateBolas-RJ_V.04.FINAL_.pdf. Acesso em: 30 out. 2023.

VELOSO, Sabrina Dias. Quando vai ser a saída? Avançando na pista com as Brilhantes de Anchieta. **Dissertação** (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense, 2023. Disponível em: <https://ppcultuff.com/wp-content/uploads/2025/03/8-Sabrina-Veloso.pdf>. Acesso em: 04 mi. 2025.





20^º COLÓQUIO DE MODA

19º FÓRUM DAS ESCOLAS DE MODA DOROTEIA BADUY PIRES
11º CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA EM DESIGN E MODA

FAAP - SÃO PAULO
DE 30 DE SETEMBRO A 03 DE OUTUBRO DE 2025

VELOSO, Sabrina Dias. Entre o muro e a encruzilhada, as Brilhetes de Anchieta (des) organizam. In: ENECULT- Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 18, 2022. **Anais**, v. 3, p. 1-15, 2022. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-607/139243.pdf>. Acesso em: 04 mi. 2025.

VIANA, Fausto; BASSI, Carolina. **Traje de Cena. Traje de Folgado**. São Paulo: Estação das Letras, 2014.

